

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT 2: Gênero, Cidadania e Participação Política

“O suplício de mundanas”: uma carta à primeira dama de
Belém.¹

Jhenifer Denise Souza da Silva
– UFPA
Franciane Gama Lacerda -
UFPA

¹ O presente texto é parte de pesquisa em andamento para o trabalho de monografia final do curso de Licenciatura em História sob a orientação da Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda.

Resumo

No ano de 1970, período de intensa repressão direcionada a mulheres prostitutas, a zona da Campina, em Belém (PA), foi interditada, sob a ordem do então governador, Alacid Nunes. A consequência disso foi o fechamento de diversas casas e o deslocamento de muitas mulheres para regiões periféricas da cidade. Este trabalho se atém a esta zona de meretrício analisando a luta dessas mulheres por um espaço de moradia e trabalho, a partir de uma carta publicada no jornal paraense *Folha do Norte* escrita por prostitutas à esposa do então governador, em que percebe-se uma audaciosa estratégia por parte destas mulheres, suplicando favor e piedade a outra mulher pra que a situação mudasse.

Palavras-chave: Cidade, prostituição, conflitos, Belém/PA, Século XX.

Abstract

The year of 1970, period of intense repression targeted prostitutes women, the Campina district, at Belém (PA), was interdicted by order of then governor Alacid Nunes. The consequence was the closure of several houses and displacement of many women to peripheral regions of the city. This work reviews the red-light district, analysing the women's struggle for a living and working space, from a letter published in the paraense newspaper *Folha do Norte* written by prostitutes addressed to then governor's wife, which is noticeable a bold strategy by these women, asking for benefits and mercy to another woman, so the situation would change.

Keywords: City, Prostitution, Conflicts, Belém/PA, 20th century.

No ano de 1970, período de intensa repressão direcionada às mulheres prostitutas a zona da Campina, em Belém do Pará, foi interdita. Naquele ano sob a ordem do então governador, Alacid Nunes, diversas casas de prostituição tiveram suas portas fechadas. Ao lado disso, muitas mulheres que viviam nessa área central da cidade tiveram que se retirar para regiões periféricas de Belém. Antes do fechamento da zona, no entanto, as prostitutas que ali residiam escreveram uma carta de súplica à então primeira dama do Pará, a Sra. Marilda Nunes. Essa missiva² foi publicada no jornal *Folha do Norte*, dando visibilidade a múltiplos problemas enfrentados pelas mulheres que remetiam a carta que chegou à redação do periódico. Este trabalho se atém a uma breve análise dessa carta, enfatizando as solicitações e anseios que essas mulheres tiveram ou tentaram ter diante da intensa repressão que o Estado direcionava para elas. Segue um trecho da referida carta:

Exc. Sra. Marilda da Silva Nunes, D. D. Primeira dama do Estado.

Temos a liberdade de solicitar vosso consentimento em poder cumprimentá-la. Nós, abaixo assinado, apesar de pertencermos a uma classe detestada da sociedade, com domicílios e residências em zonas inacessíveis à sociedade. Vimos, com a devida vênua e máximo acatamento, rogar ao vosso generoso coração, a maior dádiva que talvez possamos alcançar, com a interferência de V. Excia. Junto ao vosso ilustre esposo e D. d. Governador do Estado e oficial do Exército Sr. Alacid da Silva Nunes, o pedido que ides ler nessas mal traçadas linhas, neste momento de aflição em que nos encontramos, sem saber para onde poderemos ir residir (*FOLHA DO NORTE*, 1970).

Seguindo um padrão de escrita da época em que o remetente se colocava de forma humilde diante do destinatário as mulheres falam de si mesma enfatizando que sabiam que pertenciam “a uma classe detestada da sociedade”. Mas que apesar disso, apelavam ao “generoso coração” da esposa do governador, visando a mudança da sua situação que implicava na perda de espaço de moradia e de trabalho para um grande número de mulheres. Desse modo, por meio dessas “mal traçadas linhas”, podemos adentrar nos significados que essas mulheres davam a sua vida e ao seu local de moradia naquele momento de mudanças urbanas e disciplinadoras dos espaços que era considerado pelas mulheres prostitutas, segunda a carta como um “momento de aflição”, uma vez que não sabiam para onde poderiam vir a residir.

² No trabalho de José do Espírito Santos Dias essa mesma carta é apresentada. Cf. DIAS, José do Espírito Santo Júnior. *Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980* – São Paulo: [S. n.], 2014.. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pp.285-286.

Tomando como ponto de partida a historiografia vemos que Michelle Perrot em *Os excluídos da História*, no capítulo “Mulheres”, aponta os meandros da participação da mulher no cenário histórico e político na Paris do século XIX. A construção da relação de poder, lugar de fala, exclusão política, matriarcado, patriarcado, a cultura do corpo, trabalho nas fábricas, trabalho doméstico, público x privado, são pontos que reforçam que a invisibilidade ou negação da mulher na história está apenas no modo de análise do objeto histórico.

A História das mulheres sempre foi escrita por homens, e antes de lançar-se sobre essa escrita, era necessário primeiro que se desconstruísse do senso comum ao invés de simplesmente incluí-las na história. Segundo Michelle Perrot:

As mulheres são mais imaginadas do que descritas ou contadas, e fazer a sua história é, antes de tudo, inevitavelmente, chocar-se contra este bloco de representações que as cobre e que é preciso necessariamente analisar, sem saber como elas mesmas as viam e as viam como faziam. (PERROT, 2005, p. 11).³

Dessa forma, os estudos sobre mulher, sua participação na política, no trabalho, nos movimentos sociais, ganharam prestígio, e possibilitaram novos espaços, em particular após a incorporação de gênero como categoria de análise histórica. Segundo Mary del Priore, duas características foram importantes para marcar o início das produções sobre o feminino: fazer emergir a mulher no cenário de uma história pouco preocupada com as diferenças sexuais e demonstrar a exploração, a opressão e a dominação que a vitimava. (DEL PRIORE, 1989)

Assim, no caso do Brasil durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e, dessa forma, estiveram excluídas das narrativas dos historiadores. O cenário começou a mudar por volta dos anos 80 do século XX, demonstrando a presença de novos sujeitos, tal qual a mulher e sua (in)visibilidade. Sidney Chalhoub (2009), em seu trabalho *Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde 1980*, utiliza tanto a historiografia sobre escravos quanto a historiografia sobre trabalhadores para evidenciar a mudança de paradigma nas produções historiográficas do Brasil a partir da década de 80. Conforme o autor, antes dessa década, prevalecia o “paradigma da ausência”, isto é, um ocultamento e exclusão de sujeitos históricos como operários, negros e também mulheres na historiografia. Após a década de 80, houve um ruptura com esse paradigma

³ PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru: Edusc, 2005.

e desde então passou a predominar o “paradigma do agente”, em que estes marginalizados da história, passaram a ser abordados pelos historiadores.

Pobres em geral, trabalhadores, mas também “desclassificados sociais”, excluídos e marginalizados, tais como criminosos, prostitutas e loucos, passaram todos a povoar as pesquisas acadêmicas. Aqui, de novo, as formas de controle social exercidas sobre esses grupos sociais e suas práticas de resistência viraram temas da historiografia. (CHALHOUB, 2009, p. 42)⁴

Segundo Margareth Rago em *As mulheres na Historiografia Brasileira* (1995), no Brasil, a história das mulheres toma como ponto de partida a história social marcada pelo viés marxista a partir da década de 1970. Preocupados em identificar as marcas da opressão masculina e capitalista a partir da análise da entrada das mulheres no mercado de trabalho e as péssimas condições de trabalho a que estavam submetidas, a escrita relacionada às mulheres as faziam aparecer nos estudos como vítimas do sistema, desprovidas de direitos políticos, por meio das diferenças de classes e seus interesses, mas pouco mencionadas como sujeitos históricos, a partir de suas experiências cotidianas para além do ambiente de trabalho.

Como dito anteriormente, a partir da década de 1980 se percebe uma preocupação da produção historiográfica em registrar a presença das mulheres na história enquanto ser social. Agora não mais estudadas somente pela vertente econômica tão valorizada pelo marxismo, a nova produção historiográfica começava a dar um caráter social à história das mulheres.

Portanto, se a história das mulheres, no Brasil, nasce no interior de uma historiografia do trabalho, em 1970, é importante lembrar que esta sofre profundas mudanças ao longo desta década, abandonado o interesse exclusivo pela história dos partidos políticos e sindicatos, para incorporar outros temas que abrangem desde o cotidiano das fábricas até a vida no interior da família, passando pelos valores, crenças e hábitos que marcaram a classe trabalhadora. (RAGO, 1995, p.84).⁵

Maria Izilda S. de Matos afirma que: “Como nova categoria, o gênero vem procurando dialogar com outras categorias históricas já existentes, mas vulgarmente

⁴ CHALHOUB, Sidney; Silva, Fernando T. da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde 1980. Cadernos Arquivos Edgar Leuenroth, Campinas, v. 14, n. 26, 2009.

⁵ RAGO, Margareth. As mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

ainda é usado como sinônimo de mulher, já que seu uso teve uma acolhida maior entre os historiadores desse tema.” (MATOS, 1998, p. 64).⁶

O livro *História das mulheres e as representações do feminino*, de Losandro Antonio Tedeschi, publicado em 2008, é mais uma contribuição aos que se ocupam em entender as mulheres na história o autor busca compreender como em diferentes momentos históricos a sociedade enxergava o comportamento feminino e criava representações para as mulheres. Eram discursos legitimadores da inferioridade "natural" das mulheres. Nas palavras do próprio autor,

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo (p. 123).⁷

Nessa perspectiva, Tedeschi utiliza-se das articulações entre história e gênero para demonstrar as inter-relações socialmente construídas entre os sexos. Sobre os estudos de gênero, o autor adverte serem importantes, na medida em que possibilitam a análise "das relações entre os sexos, buscando principalmente contribuir para os estudos sobre a condição feminina e a vida familiar na sociedade" (p. 10).

O desafio ao escrever sobre a história das mulheres muitas vezes reside na ausência de fontes escritas deixadas pelas próprias mulheres. Daí porque os historiadores muitas vezes acabam investigando documentos que tratam indiretamente das mulheres. No caso da pesquisa apresentada, ainda que não saibamos exatamente como a carta em análise foi feita, sabemos que esta tem como remete as mulheres da zona da Campina que se sentiam prejudicadas com as reformas higienistas que o governo estadual visava implementar na capital paraense nos anos de 1970. Desse modo, vindo a pública as mulheres que viviam e se sustentavam na zona do meretrício deixam de ser invisíveis chegando às páginas da *Folha do Norte*, não pelos conflitos e confusões que vez por outra se viam envolvidas, mas pela reivindicação de um lugar para viver. Conforme destaca Tedeschi, muitas vezes a história das mulheres se revela

⁶ MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. Cadernos Pagu, n. 11, p. 67 – 75, 1998.

⁷ TEDESCHI, Losandro Antonio. História das mulheres e as representações do feminino. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008. 144 p.

a partir de vestígios de sua existência cotidiana como correspondências, diários, autobiografia, objetos pessoais, jornais do cotidiano nos quais elas aparecem e afins.(TEDESCHI, 2008)

Apesar desse silenciamento das mulheres nas fontes, o estudo das mesmas atualmente tornou-se mais fácil. Há diversos estudos que buscaram trazer à tona o protagonismo das mulheres em diversos contextos sociais e políticos. No caso deste trabalho, aborda-se a mulher prostituta constantemente marginalizada dentro do contexto da Ditadura Civil Militar.

Diante das circunstâncias do AI-5, homologado no final da década de 60, o Brasil viveu uma série de restrições, censuras e controle do Governo que interferiam de forma direta em diversas manifestações de cunho artístico, ideológico, acadêmico, político e comportamental de diversos segmentos sociais acarretando uma série de restrições traduzidas na privação das liberdades individuais, de expressão e afins.⁸ Esse conjunto de medidas repressivas se fizeram presentes em todo o país chegando à cidade de Belém, enviesando em seu debate questões de ordem político e social, bem como questões de ordem moral e comportamental.⁹

Os movimentos de questionamento à ditadura e o feminismo emergiram em um contexto onde não havia igualdade jurídica nem formal entre homens e mulheres. O Código Civil da época colocava as mulheres em uma posição de cidadãs de segunda categoria e dava aos maridos e pais poderes de decisão sobre elas. Possivelmente, a repressão nesse contexto intensificou-se ainda mais quando se tratava das mulheres de classes mais baixas, como prostitutas. Desse modo, voltando à carta enviada pelas mulheres da Zona do meretrício à Dona Marilda Nunes estas diziam ser “pobres mulheres que aqui vivem [zona do Meretrício], desprezadas pela assistência social e por tudo mais”. Por essa afirmação de um lado vemos certa docilidade e humildade, mas ao mesmo tempo expressa-se a ideia de que estas são desassistidas pelo Estado nas suas necessidades. Igualmente estas não deixam de dizer que precisavam de “outra moradia” além de “higiene, médica-assistência”. Segue um trecho da carta:

(...) Ocorre, entretanto, como julgamos estar cientificada pela imprensa deste estado, o que, contra nós, pretende executar a polícia civil, determinando a retirada total de todas as ocupantes que residem na “faixa livre”, proibitiva as famílias.

⁸ DIAS, José do Espírito Santo Júnior. Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980 – São Paulo: [S. n.], 2014. Orientadora: Yvone Dias Avelino. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

⁹ PETIT, Pere.; VELARDE, Jaime Cuéllar. O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoios e resistências. *Estud. hist. (Rio J.)* vol.25 no.49 Rio de Janeiro Jan./June 2012.

Isso, seria ideal, se (...) dessem outra moradia em local arredio da “urbe” (...) higiene médica-assistência, casa, (...) um custo de vida ao nosso alcance.

Estamos de acordo se isso for, ou venha ser concretizado em benefício as pobres mulheres que aqui vivem, desprezadas pela assistência social e por tudo mais, se obtivermos ganho de causa, pela vossa interferência, juntos aos Poderes máximos deste Estado, e a quem decoramos graças rogamos ao nosso Bom Pai, pela saúde de toda a Exma.e Ilustrada família Alacid Nunes. Com elevados espíritos de gratidão eterna, aqui ficamos orando pela saúde e bem estar de Vossa Excia.

Dezenas de assinaturas. ¹⁰

Esse trecho da carta evidencia o desespero de mulheres prostitutas residentes zona. Havia uma preocupação delas com coisas imediatas, como moradia, higiene, assistência de saúde e social, e lazer. Lazer, também, pois a zona onde elas sempre moraram ficava no centro da cidade, ficando perto de tudo e dando acesso com mais facilidade ao comércio da cidade. Agora, como seria? Segundo José do Espírito Santo na tese de doutorado “Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980”, tais mulheres “sabedoras que seu destino seria o subúrbio da cidade, onde a estrutura urbana era precária, talvez tivessem consciência de que seria vetado o direito e a dignidade deste tipo de lazer”¹¹.

Um ponto a ser questionado na notícia é: por que uma carta para a primeira dama? Como dito anteriormente, o período analisado era é marcado por intensa repressão assim fica a impressão de que consciente ou inconscientemente, a mulheres da zona da Campina acreditavam que pedir ajuda a uma mulher seria mais fácil de ser ouvida, por se tratar de outra mulher, que talvez pudesse entender suas demandas por moradia, por exemplo. À primeira dama, por motivos óbvios, que possivelmente era a mulher próxima mais influente sob o governador Alacid Nunes justamente por ser sua esposa. A estratégia das prostitutas revela protagonismo por parte delas, mas de desespero também. Não sabemos o desfecho dessa história, uma vez que não há uma

¹⁰ BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ – CENTUR – SETOR DE MICROFILMAGEM - Polícia agora vai fechar os bordéis do subúrbio de Belém. **Folha do Norte**. Belém, 2 de abril de 1970.

¹¹ DIAS, José do Espírito Santo Júnior. Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980 – São Paulo: [S. n.], 2014.. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

resposta na imprensa sobre a solicitação das mulheres. Segundo Dias, que também pesquisou a mesma carta, Dona Marilda não teve acesso a referida carta.¹²

Ainda que a súplica, não tenha gerado os efeitos esperados pelas mulheres uma vez que a zona foi fechada a carta não deixa de trazer à tona os anseios de grupos marginalizados. Segundo Dias, com o fechamento desse espaço muitas mulheres passaram a viver no bairro da Condor. Com o fechamento da zona, houve uma migração da prostituição para áreas mais periféricas de Belém, não por vontade própria, mas pela própria sobrevivência das prostitutas. Apesar disso, as ações repressoras aplicadas pelo Estado durante a Ditadura Civil Militar não surtiram os efeitos desejados, que eram expurgar as prostitutas e a zona de prostituição do centro da cidade. Pelo contrário, a boemia e a prostituição se ramificaram por outras áreas, expandindo as expressões boêmias das periferias e as mulheres vítimas das desigualdades sociais se prostituindo pela sobrevivência própria. A carta das mulheres da zona do meretrício de Belém, revela a luta dos grupos menos privilegiados por um espaço em uma capital amazônica que crescia marcada por desigualdades sociais.

¹² Idem, p.287.

Bibliografia (acrescenta AQUI O TRABALHO DO ALBERTO FLÁVIO)

CHALOUB, Sidney; Silva, Fernando T. da. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde 1980. Cadernos Arquivos Edgar Leuenroth, Campinas, v. 14, n. 26, 2009.

COSTA, Valmir. Sexo lacrado: o controle político no jornalismo erótico (1964-1982). São Paulo: Projeto História, n.35, Dez. 2007.

DEL PRIORE, Mary - A Mulher na História do Brasil - SP Contexto -1989.

DIAS, José do Espírito Santo Júnior. Entre Cabarés e Gafieiras: Um estudo das representações boêmias em Belém – 1950-1980 – São Paulo: [S. n.], 2014. Orientadora: Yvone Dias Avelino. Tese (Doutorado) – Programa de Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. Cadernos Pagu, n. 11, p. 67 – 75, 1998.

PETIT, Pere.; VELARDE, Jaime Cuéllar. O golpe de 1964 e a instauração da ditadura civil-militar no Pará: apoios e resistências. Estud. hist. (Rio J.) vol.25 no.49 Rio de Janeiro Jan./June 2012.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Bauru: Edusc, 2005.

RAGO, Margareth. As mulheres na Historiografia Brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). Cultura Histórica em Debate. São Paulo: UNESP, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. História das mulheres e as representações do feminino. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008. 144 p.